

intelectual e moral. Ela está presente e atuante no próprio ato de fé, se o consideramos uma resposta de amor ao amor primeiro de Deus. Enquanto tal, ela envolve toda a pessoa, transformando-a em nova criatura, capacitando-a a ver com outros olhos a realidade, estimulando suas opções, unificando sua existência. Consiste num entregar-se na fé ao Mistério de Deus e à ação livre do Espírito Santo em nossas vidas. Mas não é um objetivo fácil de alcançar, pois consiste numa conquista que envolve toda a existência.<sup>12</sup> Tendemos sempre a buscar nossos interesses em qualquer ação que empreendemos, mesmo nas mais sagradas.<sup>13</sup> Quando queremos algo, o que queremos de fato? Motivações egoístas podem levar-me a opções que parecem boas, mas não o são.<sup>14</sup>

A fé fundamenta nossa vida em Deus, tornando-nos *livres* ao relativizarmos tudo o que não seja Deus. O contrário é o medo que nos paralisa em nossas seguranças humanas e impede a abertura à novidade do Espírito. A *conversão*, que deve nos acompanhar ao longo da vida como *atitude básica* do cristão, consiste numa prontidão a se autotranscender seja em seu horizonte de compreensão, seja em sua motivação para a ação, seja em sua vivência da fé como resposta no amor a um amor infinito prévio. Esta atitude é imprescindível para a reforma da Igreja. Vemo-la concretizada na pessoa do Papa Francisco, em sua liberdade, em sua coragem, em seu ensinamento, em sua destemida atitude profética. Mas a reforma da Igreja depende também de todos nós, que somos a Igreja!

*Endereço do Autor.*

Residência da PUC

Rua Marquês de S. Vicente 389

22451-041 Rio de Janeiro – RJ/BRASIL

E-mail: mfranca@puc-rio.br

12. RATZINGER, J. *Deus caritas est*. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 17.

13. Já Santo Inácio de Loyola advertia os jesuítas: “Sejam frequentemente exortados a procurar em todas as coisas a Deus Nosso Senhor, arrancando se de si, quanto possível, o amor de todas as criaturas para o pôr todo no Criador delas, amando-O em todas e amando a todas n’Ele” (*Constituições* n. 288).

14. VALADIER, P. *La part des choses*. Compromis et intransigence. Paris: Lethielleux, 2010, p. 167-208.

## A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA WEB Uma reflexão teológico-prática

Pelo Pe. Dr. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues  
Braga, Portugal

**Síntese:** A sociedade contemporânea é fortemente influenciada pela Internet, onde esta desempenha um papel importante nas aprendizagens dos indivíduos. Este artigo procura discutir as potencialidades da Web para a educação cristã, suas vantagens e as modalidades de como o testemunho pode ser dado, uma vez que este é o modo privilegiado de realizar a educação cristã.

**Palavras-chave:** Educação cristã. Internet. Testemunho.

**Abstract:** Contemporary society is strongly influenced by the Internet, where it plays an important role in the learning of individuals. This paper discusses the Web potential for Christian education, its benefits and how the testimony can be carried out, because this is the preferred way to achieve Christian education.

**Keywords:** Christian education. Internet. Testimony.

O fato de que a Igreja exista para evangelizar (Cf. EN 14) leva a que as reflexões produzidas pela Teologia Prática tenham a transmissão da fé como pano de fundo, em torno do qual, ou a serviço do qual realiza seu trabalho. É neste quadro que nos inserimos, procurando perceber até que ponto o *digital*, entendido aqui no sentido amplo e cultural, pode ser utilizado na educação cristã.

Na cultura digital, o processo de ensino e aprendizagem – quer na aprendizagem ao longo da vida, quer na aprendizagem informal – dá destaque ao que Manuel Castells denomina por “nós”. Estes podem ser bibliotecas, organizações, pessoas, Sites da internet, livros, revistas; numa palavra, tudo a que se possa recorrer para resolver um problema ou descobrir algo que se quer aprender. A importância de cada “nós” depende não de suas características especiais, “mas da sua capacidade para os objetivos da rede”,<sup>1</sup> daquilo que aporta e potencia.

1. CASTELLES, M. Informativismo, redes y sociedad red: una propuesta teórica. In: ID. (Ed.). *La sociedad red: una visión global*. Madrid: Alianza Editorial, 2006, p. 27.

As redes, como estruturas abertas, promovem organizações sociais dinâmicas e abertas, muito suscetíveis à inovação e à expansão, o que coloca o problema da identidade, e de sua manutenção, com tudo o que isso implica na missão da Igreja a serviço da fé, para que a identidade continue a ser cristã e não outra, no ambiente digital.

Este ambiente, na ligação com os outros ambientes com os quais o indivíduo interage, continua a ter um tempo e um espaço próprios. O espaço, embora imaterial, continua a ser o suporte das práticas que acontecem simultaneamente e que estão interligadas, ao passo que o tempo deverá ser compreendido como uma sequência de práticas, se bem que no tempo intemporal deixa de haver uma sequência cronológica, para se privilegiar a simultaneidade, o perpétuo presente.

A fé, ao ser percebida como relação, postula um processo de transmissão, e este acontece na medida em que supera o tempo e o espaço,<sup>2</sup> o que evidencia a importância e o significado da tradição que, de si, inclui algo próximo à educação. Por esta razão, a educação da fé e a formação dos educadores da fé deve ter como solo privilegiado a reflexão sobre a transmissão da fé, em suas diversas coordenadas: pessoal, eclesial e de conteúdo. Estas coordenadas assumem enfoques diferentes ao serem integradas na cultura digital, promovida pelo paradigma informacional.<sup>3</sup> Surge algo novo, a que a instituição eclesial, apesar dos reiterados apelos do Magistério,<sup>4</sup> ainda não foi capaz de dar uma resposta satisfatória, pelo menos no que à educação cristã diz respeito. Se à tradição importassem apenas os conhecimentos (*fides quae*), a Internet, vista como mera substituição de suporte, não só não ofereceria dificuldade como traria grandes vantagens; mas, importa também a adesão vital (*fides qua*), sem a qual não é possível a experiência de fé no Deus de Jesus Cristo. Para a educação e transmissão da fé não basta, então, *dizer*, é

2. Cf. DEBRAY, R. *Transmettre*. Paris: Odile Jacob, 1997; MOSER, W. *Transmettre et communiquer. Chassés-crisés conceptuels à partir de Régis Debray. Intermédialités: Histoire et théorie des arts, des lettres et des techniques*, Montréal, v. 2005, n. 5, p. 191-206, 2005.

3. Cf. HJARVARD, S. The mediatization of religion: A theory of the media as agents of religious change. *Northern Lights: Film & Media Studies Yearbook*, Copenhagen, v. 6, n. 1, p. 9-26, 2008; LÖVHEIM, M. Mediatization of religion: A critical appraisal. *Culture and Religion*, Perth, v. 12, n. 2, p. 153-166, 2011; LYNCH, G. What can we learn from the mediatization of religion debate? *Culture and Religion*, Perth, v. 12, n. 2, p. 203-210, 2011.

4. Veja-se, a este propósito, as Mensagens papais para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, sobretudo a partir de 2002, bem como os documentos publicados nesse mesmo ano: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética na Internet, e Igreja e Internet*.

preciso *suscitar a fé*,<sup>5</sup> promovendo o diálogo através de uma proposta significativa para cada indivíduo. Pela narração da experiência pessoal de fé – pelo testemunho – convidam-se outros à experiência de Deus.

O papa Francisco desafia os agentes pastorais a exercitar-se

na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se podem encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o desejo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida (EG 171).

Este é o objetivo da evangelização, a ser integrado quando se recorre às novas tecnologias, que não são meros instrumentos. Antes, promovem um determinado estilo de sociedade, a qual e através da qual, é preciso evangelizar.<sup>6</sup> Mas este é um processo comunitário; logo, de responsabilidade de todo o corpo eclesial, onde cada sujeito é convidado a contribuir com a narração de sua experiência de Deus, com seu testemunho. Esta experiência só é plena, quando integrada numa comunidade eclesial que aprende, celebra, vive e reza (Cf. Act 2, 42-47) a presença transformadora do Deus que se dá a conhecer na história e faz desta o lugar de encontro com Ele (Cf. GS 4). A recepção da tradição dá um significado novo às experiências pessoais, relidas a partir do acontecimento fundamental, o evento Jesus Cristo. Mas importa ter presente que a experiência do sentido da fé “se exprime por um conhecimento *per connaturalitatem* de tudo o que diz respeito à fé, de tipo intuitivo-global e não tanto discursivo e argumentativo”,<sup>7</sup> pelo que a objetividade do sentido da fé e sua indefectibilidade são expressões da realidade da redenção operada por meio da Encarnação e do dom do Espírito Santo. O Evangelho tem, então, uma oportunidade neste mundo da globalização digital, porque se trata de “dar *forma histórica* à

5. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual. In: ID. *Documentos Pastorais*. v. VI – 2002-2005, p. 253-278.

6. Cf. ZANON, D. *O impacto da sociedade em rede sobre a Igreja católica*. Elementos para uma cibereclesiologia. Lisboa: Paulus, 2012.

7. STAGLIANÒ, A. *Sensus fidei* cristiano in tempo di globalizzazione. In: GIULIODORI, C. et al. (Ed.). *Globalizzazione, comunicazione e tradizione*. Milano: San Paolo, 2004, p. 199.

manifestação do Amor de Deus no evento humano”;<sup>8</sup> daí a importância da narração, como autocompreensão e como testemunho.<sup>9</sup> Neste contexto,

o exercício correto do *sensus fidei* depende de uma prática da fé que corresponda autenticamente à Revelação de Deus, como experiência íntima e eclesial de encontro com o Senhor, metendo em jogo a própria liberdade na adesão pessoal a Cristo, na participação vital no mistério de Deus, conhecido porque amado.<sup>10</sup>

A fé cristã, ao ser, sobretudo, uma experiência de relação, não pode ser vertida, sem mais, para um suporte digital,<sup>11</sup> sob qualquer formato, porque não obterá o resultado esperado: a transmissão. Mas, ao usar a “linguagem do amor como linguagem das experiências fundamentais do homem, que é infinitamente variada, precisa de todos os sentidos e de todos os registos expressivos, ainda que seja para se aproximar àquilo que quer dizer”.<sup>12</sup> O amor pede a atualização do virtual, no atual de cada história pessoal, porque a linguagem do amor, “como a linguagem religiosa, tem necessidade de uma comunicação pessoal e corporal”.<sup>13</sup> A Web, como meio, tem antes a capacidade de ser o catalisador positivo, porque, numa cultura de paradigma informacional,<sup>14</sup> pode potenciar os processos de transmissão, ao ser o meio dominante.

### Limites e possibilidades

A possibilidade de usar a Internet a serviço da educação cristã é, muitas vezes, olhada de soslaio, por parecer que não integra a dimensão física da realidade. É uma dificuldade a que temos de dar resposta, até porque, mais de uma vez, os textos do magistério apelam à utilização dos meios digitais:

8. *Ibidem*, p. 206.

9. Cf. RICOEUR, P. L'identité narrative. *Esprit*, n. 7-8, p. 295-304, 1988; ID. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

10. STAGLIANÒ, A. *Op. cit.*, p. 200; Cf. DV 8; LG 12.

11. Cf. LAURITA, R. La comunicazione della fede: evangelizzare efficacemente nel tempo dei *new media*. *Credere Oggi*, Padova, v. 32, n. 2, p. 36, 2012.

12. LYNCH, J. *Il profumo dei limoni*. Tecnologia e rapporti umani nell'era di Facebook. Torino: Lindau, 2011, p. 84; Cf. GROSSO GARCÍA, L. El amor: eje articulador de la educación. Apuntes para una pedagogía del amor. *Teología y Catequesis*, Madrid, v. 115, p. 37-50, 2010.

13. LAURITA, R. *Art. cit.*, p. 38.

14. CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. A sociedade em rede. v. I. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 225-230.

A Internet é relevante para muitas atividades e programas da Igreja – a evangelização, incluindo a reevangelização e a nova evangelização, e a obra missionária tradicional *ad gentes*, a catequese e outros tipos de educação, notícias e informações, apologética, governo e administração, assim como algumas formas de conselho pastoral e de direção espiritual. Não obstante a realidade virtual do espaço cibernético não possa substituir a comunidade interpessoal concreta, a realidade da encarnação dos sacramentos e a liturgia, ou a proclamação imediata e direta do Evangelho, contudo pode completá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos utentes.<sup>15</sup>

Da reflexão sobre a posição oficial da Igreja a respeito da Internet, a primeira ideia a destacar é o claro benefício que a Web tem para a missão da Igreja e sua relevância para a formação dos cristãos. Mas, para isso, pressupõe-se uma compreensão mais profunda desta nova etapa cultural em que vivemos, a denominada sociedade em rede. Aqui, para os cristãos, a comunhão e sua expressão na autêntica cultura do encontro (Cf. EG 220) é, seguramente, um dos maiores desafios.

O que o mundo digital evidencia, antes de tudo, é a natureza comunicativa do ser humano, pois só ele é capaz de assumir e negociar relações complexas e ambientes sociais.<sup>16</sup> Mas a história da Web recorda-nos um detalhe interessante: comunicar é interagir, criar relação.<sup>17</sup> A vontade de comunicar faz com que o indivíduo não se limite a ser um receptor (Web 1.0), antes deseje interagir (Web 2.0), pelo que a capacidade de interação, de criar e manter relações se tornou a característica-chave da Web 2.0. Dos *mass media*, passamos para os *cross media*.

Este fenômeno leva a uma nova compreensão das categorias de *tempo e espaço*, bem como à assunção de novas linguagens e de novos significados, de um novo universo semântico. Muitas palavras do mundo digital resultam de processos de resignificação linguística (p. ex., amizade) e, inclusive, algumas com ressonâncias na gramática religiosa,

15. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Igreja e Internet. *L'Osservatore Romano*, ed. em português, 16 de março de 2002, p. 5.

16. Cf. ALBRECHT, K. *Social intelligence*. The new science of success. San Francisco: Jossey-Bass, 2006, p. 211-215.

17. Cf. WATZLAWICK, P. et al. *Pragmática da comunicação humana*. Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 20-35.

como seja o caso dos termos “salvar”, “justificar” ou ainda “converter”.<sup>18</sup> A comunicação é um bem de primeira necessidade para o Cristianismo, pois, sem comunicar, a Igreja não realiza sua missão.

A formação que a Web possibilita tem, então, de ser vista a partir do problema das linguagens e do modo como cada pessoa participa e está presente nas redes mediáticas, sobretudo a partir da categoria de *amizade*, muito falada neste contexto, que deverá ser vista como expressão do testemunho cristão, quer dos indivíduos, quer das comunidades, num permanente exercício de abertura de portas, sobretudo às periferias existenciais (Cf. EG 46-47).

Mas a relevância da Internet será tanto maior quanto esta puder ser utilizada de acordo com a pedagogia divina,<sup>19</sup> que se concretiza em torno de três princípios: o da condescendência, o da participação comunitária e o da participação gradual (Cf. DGC 139-147).

O recurso à Web responde ao princípio da *condescendência* divina, que se adaptou à “condição humana” (Cf. DGC 146). A utilização da Internet mais não é, também, do que a adaptação às condições em que hoje uma boa parte da humanidade vive, procurando reconhecer e potenciar as possibilidades existentes no ambiente digital. Mas o auge da condescendência de Deus realiza-se em Jesus Cristo, a palavra de Deus feita carne, que é o ponto mais alto da condescendência divina. A pedagogia da encarnação, tal como está refletida no *Diretório Geral da Catequese*, não coloca como ponto central a presença de um corpo, mas sim “o Evangelho [que] deve ser proposto sempre para a vida e na vida das pessoas” (DGC 143); logo, mais do que proximidade física, importa uma proximidade vivencial. Destaca-se a visibilidade que é dada à experiência de fé, à sua narração.<sup>20</sup> Verifica-se a necessidade de “iluminar e interpretar a experiência com o dado da fé (...), sob pena de se cair em justaposições artificiais ou em compreensões integristas da verdade” (DGC 153), logo, contrárias ao princípio da condescendência.

18. Cf. SPADARO, A. *Cyberteologia*. Pensare il cristianismo al tempo della rete [e-Book]. Milano: Vita e Pensiero, 2012, p. 22-24.

19. Cf. GRESHAM, J. The divine pedagogy as a model for online education. *Teaching Theology and Religion*, Grawfordsville, v. 9, n. 1, p. 24-28, 2006.

20. Cf. CALLIERI, B. L'aspetto narratologico nella cultura della realtà virtuale: tra sfida e rischio. *Psicotech*, v. 1, p. 9-17, 2003.

A dimensão *comunitária* da pedagogia divina também tem na Web um fator potenciador. Recordemos que esta dimensão requer que se valorize a experiência de fé de uma comunidade crente e se apoia na relação pessoal e no diálogo (cf. DGC 143). A Internet oferece recursos para que esta partilha de experiências aconteça e o diálogo, de onde pode brotar uma profunda relação, surja. Se, por vezes, o diálogo e a partilha se tornam difíceis num encontro presencial, nos espaços virtuais é diferente.<sup>21</sup> O reconhecimento e a potenciação de ecologias de aprendizagem<sup>22</sup> não só darão espaço para que cada membro da comunidade se expresse, como poderão mesmo modificar a fisionomia das comunidades, tornando-as mais ativas.

Por último, o recurso à Internet permite que a *gradualidade*, que é própria da pedagogia divina, seja personalizada, o que é bem difícil em outros âmbitos mais clássicos. Aqui, o centro é de fato o indivíduo, que tem uma participação ativa em todo o processo; é ele que decide o ritmo. Sem essa participação, o progresso não se verifica, e isso é evidenciável.

Outro aspeto relevante da pedagogia divina é o recurso aos sinais e símbolos: “o emprego de todos os recursos da comunicação interpessoal, tais como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e tantos sinais diversos, como o faziam os profetas bíblicos” (DGC 140). Mas os símbolos, para cumprirem sua missão, precisam de uma comunidade de sentido, onde possam ser lidos e percebidos – surtir efeito –, e não sejam meros sinais efêmeros.<sup>23</sup> Para que isto seja possível, importa perceber que transmitir é transportar no tempo, fazer herança, e não apenas informar. Logo, não basta a técnica; é preciso um esforço institucional consciente.<sup>24</sup>

As comunidades de aprendizagem e a aprendizagem contextualizada, no âmbito da educação, poderão ser as precursoras da Web semântica, ou Web 3.0, na qual a Internet, a máquina, se organiza e faz um uso inteligente do conhecimento já disponibilizado online, dando

21. Cf. GRESHAM, J. *Art. cit.*, p. 27.

22. Cf. SIEMENS, G. *Knowing knowledge*, 2004, p. 42-47. Disponível em: <[http://www.elearnspace.org/KnwingKnowledge\\_LowRes.pdf](http://www.elearnspace.org/KnwingKnowledge_LowRes.pdf)>. Acesso em 27 jul. 2016.

23. Cf. CHAUVET, L.-M. *Linguaggio e simbolo*. Saggi sui sacramenti. Leuman: Elle Di Ci, 1982, p. 17-78.

24. Cf. DEBRAY, R. *Transmettre... Op. cit.*, p. 177-178; Cf. ID. *Manifestes médiologiques*. Paris: Gallimard, 1994, p. 41s.

ao cibernauta aquilo que ele procura, por antecipação, a partir de um histórico de visitas ou dos conceitos associados. Para isso, é preciso *software* que vai realizando, ele mesmo, algum tipo de memorização – há quem o chame aprendizagem – com o vasto conteúdo disponível na Web, que analisa e elenca de acordo com critérios previamente estabelecidos. É a instituição eclesial que convém determinar esses critérios, já que estamos muito próximos do conceito de inteligência artificial. A diferença entre a Web 2.0 e a Web 3.0 é a diferença entre obter uma lista de respostas e uma solução concreta e personalizada para determinada pergunta. É a diferença entre a sintaxe e a semântica.<sup>25</sup>

No campo da educação, esta possibilidade ainda não encontrou a necessária estabilidade conceitual para poder ser introduzida numa reflexão como a que estamos a elaborar. Há já alguns estudos sobre o assunto, mas que não são conclusivos, antes, “demonstram que, por estar sendo explorada por apenas algumas iniciativas, sua utilização está pouco consolidada. Os resultados mostraram que diversas ontologias estão sendo desenvolvidas para modelar os objetos de aprendizagem”.<sup>26</sup> A este dado acresce a diversidade de ferramentas que atualmente se estão a utilizar, não ainda de modo satisfatório, “o que confirma a preocupação e o interesse da comunidade científica em oferecer ferramentas que possam contribuir para otimizar a qualidade desses ambientes”.<sup>27</sup>

Em termos eclesiais,<sup>28</sup> o desafio consiste em fomentar a aprendizagem básica dos recursos tecnológicos – a literacia digital – a serviço da educação cristã, para, depois, capacitar os agentes de pastoral para a

25. Um portal que vale a pena ser visitado é o <<http://www.wolframalpha.com/>>; não é um mero motor de busca da web 2.0, mas ensaia uma resposta, em vez de remeter para potenciais respostas. Depois de feita uma pergunta, o sistema processa as respostas, recolhendo dados de várias páginas e bases que contenham unicamente informação relevante para essa pergunta em concreto.

26. ZEM-LOPES, A.M. et al. Uma revisão sistemática das tecnologias da Web Semântica em ambientes educacionais [em linha]. In: *Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação*. Campinas: Unicamp, 2013, p. 578.

27. *Ibidem*; Cf. MARCONDES, C.H. Organização e representação do conhecimento científico em ambiente Web: do formato textual linear aos artigos semânticos. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 7-41, 2013. Como exemplo desse trabalho, veja-se a Tese de doutorado de M.C. MALTA. *Contributo metodológico para o desenvolvimento de perfis de aplicação no contexto da Web Semântica*. Tese de doutorado em Tecnologias e Sistemas de Informação, Universidade do Minho, Braga. 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/30262>>. Acesso em 12 jul. 2015.

28. Vejam-se os diversos estudos publicados por CAMPBELL, H. (Ed.). *Digital Religion*. Understanding religious practice in new media worlds. New York: Routledgs, 2013.

adaptação do conhecimento,<sup>29</sup> gerando novos conhecimentos – a literacia mediática.<sup>30</sup>

À instituição eclesial, como comunidade de sentido, é pedido, então, que ofereça ordem, que organize e configure a herança do que se há de transmitir, imunizando o coletivo contra a desordem e a agressão, marcando território no espaço virtual. A Igreja, ao ser sacramento universal de salvação, tem na Encarnação do Verbo o modelo para sua ação, procurando perceber como é que a palavra de Deus fez caminho na humanidade. À luz do dogma de Calcedônia, a Igreja é convidada a refletir o modo como as ideias – o virtual – podem ser atualizadas, ganhando corpo. Percebido este processo, as experiências crentes podem fazer o caminho inverso e ser também virtualizadas.<sup>31</sup>

### Testemunho aberto: novas formas de dizer e escutar

A Rede está em vias de tornar-se o contexto existencial dominante.<sup>32</sup> Importa, então, assumir que ela possui um ambiente cultural próprio com novas formas de pensar e novos territórios, com consequentes implicações educativas, relacionais e modos de estimular a inteligência. O conhecimento e as relações já não são procurados como quem procura um norte ou um objeto, com a bússola ou o radar; antes, deixam-se encontrar. Estão aí, disponíveis, para quem as quiser procurar.<sup>33</sup> Os motores de busca, a uma simples pergunta, devolvem uma lista muito grande de informações, que mais não são do que sugestões indexadas como adequadas aos termos introduzidos. A esta “memorização” da máquina é ainda acrescido o histórico das pesquisas de cada indivíduo, o que faz com que a máquina devolva as respostas que, de acordo com os algoritmos introduzidos, ela considera mais adequadas. Este fenómeno é desafiante por dois motivos: primeiro, porque é preciso considerar que há

29. Cf. DIAS, P. Comunidades de educação e inovação na sociedade digital. *Educação, Formação & Tecnologias*, Évora, v. 4, p. 2, 4-10, 2012.

30. Cf. PALLETA, F.C.; MALDONADO, E.P. Informática e tecnologia: apropriação e produção de conhecimento na Web 3.0. *Proceedings of World Congress on Communication and Arts*, v. 7, p. 343-346, 2014.

31. Cf. LÉVY, P. *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997; ID. *Qué es lo virtual?* Barcelona: Paidós, 1998.

32. Cf. CASTELLS, M. A era da informação..., *op. cit.*; ZANON, D. *O impacto da sociedade em rede sobre a Igreja católica*. Elementos para uma cibereclesiologia. Lisboa: Paulus, 2012.

33. Cf. SPADARO, A. *Cyberteologia...*, *op. cit.*, p. 17-19.

realidades que escapam à lógica dos programas de busca; por outro lado, é preciso ajudar os cibernautas a identificar as respostas que verdadeiramente dão sentido à existência humana na sua totalidade. Estes desafios mostram a necessidade de uma espiritualidade capaz de dar unidade à fragmentação das mensagens.<sup>34</sup>

O modo de estar na Web, para a Igreja, implica, então, um novo modo de dizer e escutar,<sup>35</sup> de onde sobressaem os seguintes desafios: passar de uma pastoral de respostas à de perguntas, do centrar-se nos conteúdos para se centrar nas pessoas, e do centrar-se nas ideias para centrar-se na narração.<sup>36</sup>

A pastoral, ao deslocar sua preocupação das respostas para as perguntas, assume o fato de que hoje não é difícil encontrar uma mensagem que faça sentido; a dificuldade reside, antes, em decodificá-la, reconhecê-la como importante e significativa, no meio das inúmeras ofertas disponíveis e no contexto de uma identidade crente. Ao esforço de dar respostas, de se ter uma resposta, que surgirá sempre como mais uma no meio de tantas, corresponde a apresentação do Evangelho não “como o livro que contém todas as respostas, (...) mas como o livro que contém todas as perguntas juntas,<sup>37</sup> as que vale a pena serem respondidas. Este dado postula um esforço educativo que não se centre apenas na oferta de conteúdos, mas na liberdade de procurar, de forma crítica, os conteúdos que oferecem sentido.

O segundo desafio depreende-se do anterior: uma pastoral que se centre nas pessoas e não nos conteúdos. A Internet favorece uma busca à medida, onde cada um procura o que quer, quando quer e onde

34. Cf. *Ibidem*, p. 54-55.

35. “Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior. O Evangelho propõe-nos que se corrija e ajude a crescer uma pessoa a partir do reconhecimento da maldade de suas ações (cf. Mt 18, 15), mas sem proferir juízos sobre a sua responsabilidade e culpabilidade (cf. Mt 7, 1; Lc 6, 37). Seja como for, um acompanhante de verdade não transige com os fatalismos nem com a pusilanidade. Sempre convida a querer curar-se, a pegar no catre (cf. Mt 9, 6), a abraçar a cruz, a deixar tudo e partir sem cessar para anunciar o Evangelho. A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, conseguindo exprimir com plena sinceridade a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer” (EG 172).

36. Cf. SPADARO, A. Le 6 grandi sfide della comunicazione digitale alla pastorale. *CyberTeologia*, 3 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale/>>. Acesso em 28 jul. 2016.

37. *Ibidem*.

quer. Já não há uma oferta programada para todos, simultaneamente; antes, buscas que implicam seleções e interações. O poder transitou do emissor para os receptores, admitindo ainda como possível o uso desta terminologia. E a busca espiritual, também ela, participa desta lógica, pelo que o programa é elaborado à medida de cada um, a partir dos conteúdos disponíveis na Internet. E estes serão tanto mais úteis quanto mais forem respostas às inquietações dos cibernautas, o que implica uma atitude permanente de os escutar.<sup>38</sup> A cultura digital oferece esta oportunidade para dialogar, para compreender quais são as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” (GS 1). É aqui que ganham redobrada importância os “amigos” e os “seguidores” na Web, uma vez que estes serão tanto mais eficazes quanto forem capazes de ser significativos para a rede de cada pessoa. A centralidade das pessoas e não dos conteúdos leva a assumir uma presença eclesial cada vez mais comunicativa e participativa, que favorece a narração testemunhal da experiência crente, com a qual é possível identificar-se. E este testemunho permite fazer emergir a relação entre indivíduos, o que implica a partilha de redes de relações. Nesta teia, o conteúdo partilhado está intrinsecamente ligado a quem o partilha, e é o *quem* que acaba por qualificar o *quê*. Quem partilha nunca o faz de modo neutro, ainda que seja apenas o replicar um objeto numa rede social: “Quando as pessoas trocam informações, estão já a partilhar-se a si mesmas, a sua visão do mundo, as suas esperanças, os seus ideais”.<sup>39</sup> O Documento da Aparecida afirma claramente que “a missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8)”.<sup>40</sup>

O terceiro desafio, o centrar-se na narração e não nas ideias, é a consequência natural das relações interpessoais, porque aqui o que se

38. Cf. COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. *Il sensus fidei nella vita della Chiesa*, Novembre 2014, p. 120-126. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20140610\\_sensus-fidei\\_it.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_it.html)>. Acesso em 28 jul. 2016.

39. BENTO XVI. XLV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2011 – “Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital”. *L'Osservatore Romano*, ed. em português, 29 de janeiro de 2011, p. 5.

40. EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida*. Texto Conclusivo da V Conferência Geral. Brasília; São Paulo: Ed. CNBB; Paulus; Paulinas, 2007, n. 145.

realiza é o dizer dizendo-se, na proximidade do encontro de uma vida partilhada.<sup>41</sup>

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos (EG 87).

A Web 2.0 oferece uma oportunidade fantástica para dar visibilidade e tornar significativas as experiências vividas, graças à facilidade com que se podem narrar e partilhar. E narrar é “restituir os sujeitos do conhecimento à densidade simbólica e experiencial do mundo. A narração na rede pode ser, sim, individualista e autorreferencial, mas também pode ser polifônica e aberta”.<sup>42</sup> As novas formas de narrar e escutar implicam uma ecologia educativa digital acolhedora, capaz de amparar as perguntas que na Web se podem fazer e que não encontram lugar em outros âmbitos, sem esquecer que as novas paisagens mediáticas permitem integrar a continuidade bidirecional entre o virtual e o presencial.

Mas das características de uma ecologia educativa, tal como Georg Siemens a teorizou no *Conectivismo*,<sup>43</sup> deriva a imprescindibilidade de os facilitadores de aprendizagem possuírem uma identidade virtual acessível e que lhes dê existência digital, organizada a partir de uma presença facilmente localizável e interligável com as diversas ferramentas Web 2.0. E esta presença digital tem de possuir características tais que seja viável para desempenhar tudo o que se espera de uma educação cristã digital contextualizada e sua facilitação. É este recurso que vai permitir ao facilitador realizar todos os papéis acima referidos, pois é o “espaço” onde a interação com os aprendentes acontece.

41. Cf. LAURITA, R. *Art. cit.*, p. 34.

42. SPADARO, A. *Le 6 grandi...*, *art. cit.*

43. Cf. G. SIEMENS, *Knowing...*, *art. cit.*; ID. *Learning ecologies, communities, and networks. Extending the classroom* (17/10/2003). Disponível em: <[http://www.elearnspace.org/Articles/learning\\_communities.htm](http://www.elearnspace.org/Articles/learning_communities.htm)>. Acesso em 29 jul. 2016. ID. *Connectivism: A learning theory for a digital age* (12/12/2004). Disponível em: <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em 26 jul. 2016.

Por tudo o que acima se disse e pela facilidade de criação e manutenção, bem como pela ausência de custos para o utilizador, estamos persuadidos de que essa presença há de ser um blog.<sup>44</sup> Paul Anderson reflete sobre aquelas que serão as ferramentas e os serviços típicos da Web 2.0, a saber: o blog, a *wiki*, o *social bookmarking* e o sistema de etiquetagem de conteúdos, a partilha de áudio e de *podcasting* e, por fim, a sindicância de conteúdos.<sup>45</sup> De comum, estas ferramentas têm o fato de darem ao utilizador o controle do processo de produção, catalogação e divulgação dos conteúdos, bem como a moderação dos comentários, nos quais se faz a discussão. E também a possibilidade de facilitar e promover a replicação dos seus conteúdos.

Em nosso caso, e porque é a ferramenta que permite fazer a síntese de todas as outras, pela possibilidade que tem de embeber os outros conteúdos com facilidade, concentrar-nos-emos no blog. A aparente simplicidade de um blog, no dizer de George Siemens e Peter Tittenberger, “é ilusória. O blog oferece oportunidades únicas para os educadores melhorarem a comunicação com os alunos, aumentando a profundidade da aprendizagem através da reflexão e permitirem a formação de diversos pontos de vista e perspectivas”.<sup>46</sup> Acresce ainda o fato de ter sido esta ferramenta que permitiu, em grande escala, a passagem para a segunda geração da Web, com destaque para a produção e reorganização da informação por parte de cada utilizador, o que potenciou exponencialmente a existência da inteligência coletiva.

Um blog é uma página simples, onde seu utilizador ou utilizadores vão inserindo textos, imagens, sons, vídeos e hiperligações. Há ainda a possibilidade de os leitores poderem escrever comentários, enriquecendo o texto inicial com a discussão sucessiva.<sup>47</sup> Esta discussão por comentários pode ser totalmente livre, mediada pelo autor do blog ou simplesmente vedada. Cada publicação, também denominada *post*,

44. SANTOS, R. *Blogues – de moda a ferramenta indispensável da comunicação*. In: ARAÚJO, H.P. (Coord.) et al. *Tecnologia e Sociedade*. Tecnologia, Humano e Pós-Humano. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007, p. 31-47.

45. Cf. ANDERSON, P. *What is Web 2.0? Ideas, technologies and implications for education*, p. 7-13. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em 12 jul. 2016.

46. SIEMENS, G.; TITTENBERGER, P. *Handbook of emerging technologies for learning*, 2009, p. 43. Disponível em: <<http://elearnspace.org/Articles/HETL.pdf>>. Acesso em 29 jul. 2016.

47. Cf. RODRIGUES, C. *Blogs e a fragmentação do espaço público* [eBook]. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006, p. 23.

pode ser categorizada por palavras-chave. Estas permitem que o pesquisador procure um determinado tema no blog ou chegue até ele pela pesquisa de conceitos-chave.

O sucesso desta ferramenta é tal que se criou o termo “blogosfera” para designar a existência de um número muito elevado de pessoas que têm seu próprio espaço na Web.<sup>48</sup> Estes espaços têm finalidades variadas.<sup>49</sup> As mais comuns são a partilha e a gestão de conhecimento. O cidadão comum torna-se, de fato, o centro da Web!

Das diversas possibilidades e finalidades da blogosfera, a vertente que mais nos interessa é sua colaboração na construção do Espaço do Saber e consequente contributo para a inteligência coletiva.<sup>50</sup>

George Siemens, já em 2002, elaborou uma reflexão, que continua atual,<sup>51</sup> sobre o uso pedagógico dos blogs, na qual aponta os benefícios do recurso ao blog para fins pedagógicos. O primeiro é que *promove as periferias*, uma vez que as ideias podem ser avaliadas por si, de acordo com seu mérito, e não apenas pela fonte de origem. O blog permite também a *filtragem*, ou seja, os conteúdos meritórios são filtrados através do blog e podem receber comentários e esses serem replicados, recebendo assim o retorno de perspectivas diversas e complementares sobre uma ideia ou conceito, explorando com exaustão seus diversos aspectos. O blog tem também a capacidade de *eliminar barreiras*, o que permite acompanhar a reflexão de peritos num determinado assunto que, sem o recurso ao blog, não se teria acesso, seja qual for a natureza da barreira que separa. Por outro lado, qualquer ideia pode ter expressão, o que origina o *fluxo livre* do conhecimento, sendo a interação com outros indivíduos o verdadeiro critério de seleção. Mais: este processo pode ser acompanhado em *tempo real*, embora possa, e

48. Cf. CANAVILHAS, J. El nuevo sistema mediático. *Index Comunicación*, Madrid, v. 1, n. 1, p. 21-22, 2011.

49. O Site <<http://technorati.com/>> disponibiliza, há vários anos, estudos pormenorizados sobre a evolução dos blogs.

50. LÉVY, P. *A inteligência colectiva*. Para uma antropologia do ciberespaço. Lisboa: Instituto Piaget, 1997; ID. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era informática. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

51. SIEMENS, G. The art of blogging – Part 1. Overview, definitions, uses, and implications (1/12/2002). Disponível em: <[http://www.elearnspace.org/Articles/blogging\\_part\\_1.htm](http://www.elearnspace.org/Articles/blogging_part_1.htm)>. Acesso em 23 jul. 2016; ID. The art of blogging – Part 2. Getting started, “how to”, tools, resources (6/12/2002). Disponível em: <[http://www.elearnspace.org/Articles/blogging\\_part\\_2.htm](http://www.elearnspace.org/Articles/blogging_part_2.htm)>. Acesso em 23 jul. 2016.

é o que normalmente acontece, ocorrer de forma assíncrona. Por fim, um blog permite *agregar diversas ligações*, o que faz com que diversos campos de interesse e de pensamento sejam reunidos e organizados através da ação colaborativa de diversos participantes na blogosfera. Tem ainda a vantagem de ficar tudo guardado em arquivo, o que permite a consulta posterior em qualquer oportunidade.

Mas a o grande desafio está, acima de tudo, não nas ferramentas e recursos, mas na atitude com que se aborda a Web e se a utiliza a serviço da educação cristã.

*Endereço do Autor:*

Universidade Católica Portuguesa  
Faculdade de Teologia  
Rua de Santa Margarida  
4710-306 Braga – PORTUGAL  
E-mail: [lmrodrigues@braga.ucp.pt](mailto:lmrodrigues@braga.ucp.pt)